

Especial

América Latina Vendas externas do país vizinho tiveram queda de 18% no primeiro semestre deste ano

Crise do Brasil abala exportação argentina

Marli Olmos
De Buenos Aires

Cortou o coração do produtor Oscar Martin ver as peras e maçãs que apodreceram nas árvores na região sul da Argentina neste ano. Parte daquelas 200 mil toneladas de frutas que ficaram nos pés poderiam ter ido para o Brasil. No início, a exportação para o país vizinho foi suspensa durante três meses porque autoridades brasileiras detectaram uma praga, a "carpocapsa", num lote. Mas agora surgiu uma praga pior: a queda da demanda acompanhada de sucessivas desvalorizações do real.

Martin também é o presidente da Câmara Argentina de Fruticultores Integrados (Cafi). Ele estima uma perda de 30% nas vendas das duas frutas neste ano para o Brasil, principal destino das exportações do setor e responsável por uma receita de US\$ 150 milhões em 2014. "Nossa relação com o Brasil é histórica", diz. A Cafi representa os produtores de Neuquén e Rio Negro, onde se concentram 85% da produção de peras e maçãs.

O que acontece com as frutas é uma pequena parte do estrago que a crise brasileira provoca na Argentina, um país em "default" e cuja economia já estava debilitada por conta de uma série de problemas internos e externos.

Os maiores prejuízos do impacto da crise brasileira se sentem no comércio exterior. Num país com nível de reservas já enfraquecido pela falta de acesso ao mercado internacional, o volume de dólares obtido com as vendas ao Brasil, principal destino de todas as exportações argentinas, diminuiu a cada dia.

De janeiro a junho, as exportações para o Brasil caíram 23% na comparação com igual período do ano passado. Isso agravou uma perda de receita com exportações que já havia despontado por conta da retração nos preços internacionais de commodities. No primeiro semestre, o total de divisas obtidas com exportações

para todo o mundo diminuiu em US\$ 6,6 bilhões, num total de US\$ 30,2 bilhões. Isso representa uma queda de 18% em relação aos seis primeiros meses de 2014.

A forte desvalorização do real acendeu um sinal vermelho em Buenos Aires nos últimos dias. "O Brasil tem um alto nível de reservas e, por isso, pode desvalorizar a moeda para recuperar a competitividade; mas o mesmo não se pode esperar na Argentina", destaca o presidente da Câmara dos Exportadores da República Argentina (Cera), Enrique Mantilla.

Nos 12 últimos meses o real desvalorizou-se 33% e o peso 11,02%. Mas, apesar das reclamações dos exportadores, não existe hoje na Argentina nenhuma expectativa de desvalorização do peso antes da mudança de governo. O país está a menos de três meses da eleição do próximo presidente da República e a atual equipe econômica já deu sinais de que não pretende fazer correções no câmbio.

Ao ser abordado por repórteres à entrada da Casa Rosada, ontem, o ministro-chefe de Gabinete, Aníbal Fernández, disse que o governo "monitora permanentemente" a desvalorização do real, mas ainda não percebeu que isso afeta a exportação de produtos argentinos. O banco central tem feito intervenções diárias para tentar frear a alta do dólar no mercado paralelo, que registra uma diferença de mais de 60% em relação à cotação oficial.

Executivos da União Industrial Argentina calculam que a desvalorização do peso deveria chegar a algo entre 25% e 30% para poder compensar "a inflação, o intervencionismo e os problemas no Brasil e na China". Mas numa entrevista a uma emissora de televisão, ontem, o ministro da Economia, Axel Kicillof, que está em plena campanha para ser deputado, pediu a empresários e banqueiros que não falem sobre atraso cambial porque isso "ferra" as pessoas.

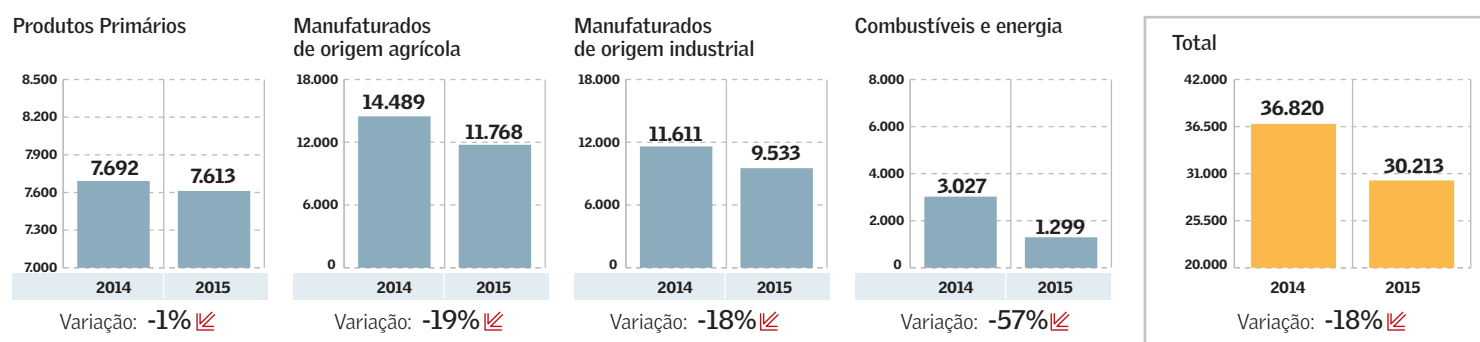
A equipe de Cristina Kirchner

Parceria enfraquecida

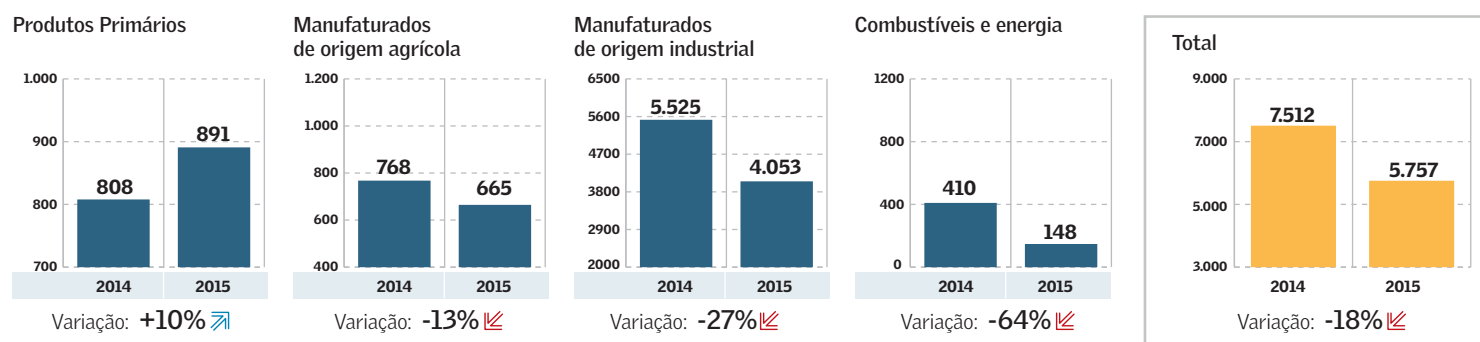
Queda de demanda no Brasil afeta comércio exterior da Argentina

■ Exportações da Argentina no primeiro semestre (em milhões de US\$)

■ Para o mundo



■ Para o Brasil



Brasil é o principal destino das exportações argentinas, com participação de 19,05% no primeiro semestre

Fontes: Cera (Câmara de Exportadores da República Argentina), Indic

deixa, portanto, claro que esse será mais um dos problemas que ela deixará de herança para seu sucessor. "A crise no Brasil é um elemento a mais para o próximo presidente da Argentina levar em conta logo que tomar posse em dezembro", afirma o economista Dante Sica, diretor da consultoria Abeceb.com.

A perda da competitividade dos exportadores não diz respeito apenas à crise brasileira, mas também à política de retenções adotada pelo governo para tentar conter a alta dos preços internos e, ainda, o aumento de custos provocados pela inflação.

Foi por isso que há poucas semanas agricultores do sul decidiram fazer protestos. Alguns enfi-

leiraram seus tratores nas rodovias para chamar a atenção enquanto outros distribuíam frutas gratuitamente. "Os problemas que nos levaram aos protestos fazem parte de um contexto muito maior que a crise no Brasil", destaca Martin, da Cafi.

A indústria automobilística não pode se dar ao luxo de fazer o mesmo tipo de protesto com os automóveis. Mas é a que mais sofre, junto com os fornecedores de componentes. Segundo a Câmara dos Exportadores, as exportações do setor automotivo, que seguem todas para o Brasil, registraram no primeiro semestre queda de mais de 30% na comparação com igual período de 2014. Para analistas, esse setor é o principal responsável pela queda de participação do Brasil nas vendas externas. O mercado brasileiro foi o destino de 20,4% dos produtos argentinos exportados no primeiro semestre de 2014. Mas em junho deste ano a participação caiu para 15,4%.

Para Patricio Carmody, especialista em comércio exterior, nesse cenário, o mais prejudicado é o Mercosul. "O desenvolvimento industrial conjunto, de Brasil e Argentina, era o pilar do bloco", destaca. Para ele, já é negativo o fato de os dois principais parceiros do Mercosul terem se

transformado em competidores no setor agropecuário. "O intercâmbio de produtos na área de manufatura, principalmente nas montadoras, era a lógica da existência do bloco. Isso precisa funcionar para a região ser competitiva", destaca Carmody.

A economia argentina registrou uma relativa calma no primeiro semestre. O governo conseguiu manter o câmbio sob controle e a expectativa de inflação anual foi reduzida dos quase 40% do ano passado para índices em torno de 25%. A atividade industrial também começou a reagir, com crescimento de 0,9% em junho depois de 22 meses consecutivos de queda. Tudo indicava que o fim do mandato de Cristina seria bem mais tranquilo do que o da maioria de seus antecessores.

Mas agora a crise que afeta seu vizinho pode tornar essa transição de governo mais turbulenta. Os analistas apostam que a crise no setor automotivo vai se refletir na atividade industrial. "Com menos dólares, a indústria terá mais dificuldades para importar e produzir; sem contar que a demanda também cai", afirma Sica.

Os problemas brasileiros se transformaram em temas de debates em seminários, reuniões de economistas e análises para investidores. "O que mais nos pro-

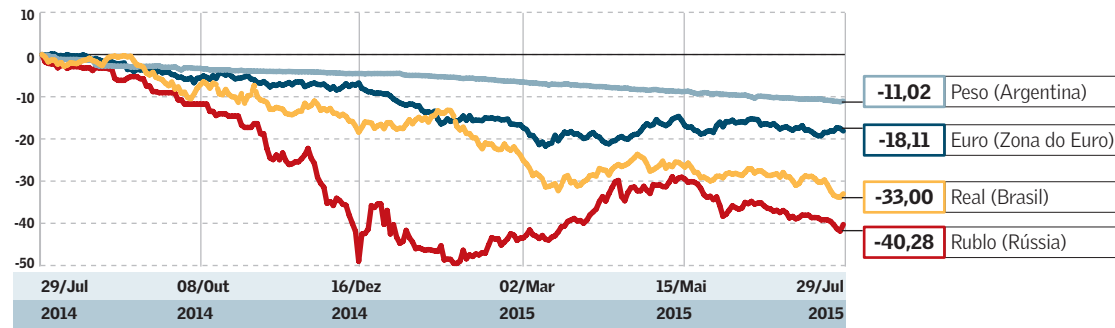
cupa é a queda no nível de investimento no Brasil", diz Mantilla, o presidente da câmara dos exportadores. Segundo ele, a concentração dos esforços no consumo interno no Brasil era algo que chamava a atenção dos exportadores argentinos desde 2013. "Percebíamos que o baixo nível de investimentos nesse cenário traria graves problemas e a Cepal já alertava para isso", destaca.

A crise política, acompanhada de tudo o que envolve os esquemas de corrupção, é outro tema que chama a atenção nas rodas de conversa dos argentinos. E, se há até pouco tempo a expectativa da saída de Cristina Kirchner do governo era a discussão do momento, agora as atenções se voltam para a gestão da presidente Dilma Rousseff.

O assunto foi um dos focos das apresentações econômicas há poucos dias, durante congresso numa feira agropecuária. Em sua exposição, o professor de finanças Aldo Abram destacou que a queda de popularidade de Dilma lhe tirava a capacidade de gestão. Ele também falou do "desastre" da política monetária do país e alertou os exportadores: "Sabemos que se não exportamos para o Brasil estamos fritos; mas vai demorar um bom tempo para voltarmos a vender bem".

Corrida pela competitividade

Variações de moedas em relação ao dólar, em % (base: 29/07/14)



Fonte: Valor PRO. Elaboração: Valor Data.

Empresas argentinas reveem projetos para investir aqui

De São Paulo

Horacio Busanello, principal executivo do grupo argentino Los Grobo, esperou ansiosamente a chegada de 2016. No ano que vem vence uma cláusula contratual que impede a empresa de voltar a investir no Brasil. Tudo indicava que o caminho estaria livre para tirar projetos da gaveta. Mas a situação econômica no Brasil inverteu o quadro. Se antes as empresas brasileiras esperavam a economia na Argentina melhorar para investir agora são as argentinas que estão em compasso de espera.

A cláusula que impede o grupo Los Grobo de investir no Brasil está no contrato assinado com a Mitsubishi em 2013. Naquele ano, o grupo japonês comprou a participação acionária que Los Grobo tinha na Ceagro, uma empresa que produz e comercializa grãos, rebatizada depois pelos japoneses de Agrex. Para evitar concorrência com os novos donos da empresa, o grupo argentino só poderá voltar a atuar nesse setor no Brasil em 2016.

Mas agora os planos voltaram para a gaveta. Busanello espera poder retirá-los em breve. "O Brasil é parte importante na nossa estratégia", destaca. Voltar a ter presença

forte no Brasil seria um dos caminhos para o plano de duplicar em três anos a receita anual do grupo, que soma US\$ 800 milhões.

Quando o ambiente da economia brasileira for atrativo para os negócios, Los Grobo pretende investir em produção de defensivos, agricultura ambiental e em serviços de tecnologia agrícola por satélite. Por enquanto, a empresa tem que se contentar com um pequeno moinho de trigo em Jundiá (SP), uma atividade que está muito além dos tempos em que a Ceagro foi vendida. Naquele época, o Brasil representava faturamento de US\$ 500 milhões por ano, uma fatia de 38,6% da receita total do grupo na época.

Busanello queixa-se, sobretudo, da falta de investimentos na infraestrutura brasileira, o que obriga as empresas a ter um custo alto com estoque. "Num país com as dimensões do Brasil se falta uma boa infraestrutura preciso de um mercado de capitais eficiente, que facilite o endividamento", destaca.

O executivo diz não se conformar com a falta de investimento no país que avançou economicamente. Para ele preocupam coisas como a taxa básica de juros (mesmo que muito mais baixa

do que na Argentina) e ver o índice Bovespa cair dos 70 mil para menos de 50 mil pontos.

Mas as crises, às vezes, representam uma oportunidade para expansões. O grupo logístico argentino Andreani recorre à criatividade para driblar a crise. Começou a oferecer aos clientes brasileiros serviços de embalagem de produtos, antes feitos por terceiros.

O grupo Andreani cruzou a fronteira em 2002 justamente em busca de novas oportunidades para fugir da histórica crise argentina. Começou a espalhar filiais no Sul e no Sudeste do país e hoje o Brasil representa 12% da receita, que somou US\$ 300 milhões em 2014.

O gerente-geral da operação brasileira, Fernando Corrêa, conta que graças aos novos serviços e à conquista de novos clientes o faturamento do grupo em terras brasileiras cresceu 20% no primeiro semestre mesmo com queda nos volumes.

A empresa especializou-se na logística para a indústria farmacêutica, um nicho de mercado que tem apresentado potencial de crescimento. Trata-se de um setor que requer um cuidado logístico especial com os produtos, incluindo câmaras de refrigeração. Gran-



Horacio Busanello, executivo do grupo argentino Los Grobo: "O Brasil é parte importante na nossa estratégia"

de parte dos itens é importada e, por isso, houve queda nos volumes. "Mas conseguimos compensar", destaca o executivo brasileiro.

A empresa prepara-se agora para uma expansão em Embu das Artes (SP), instalação inaugurada no ano passado. Segundo Corrêa, com mais 12 mil metros que serão alugados num galpão vizinho a empresa vai dobrar a capacidade para poder atender

com tranquilidade aos três clientes conquistados recentemente e que elevarão a carteira para 70.

Uma das vantagens de uma crise é a queda no preço do aluguel. Segundo Corrêa, os valores no condomínio industrial onde a Andreani está instalada, em Embu, caíram em torno de 15% em razão da retração de demanda.

Outra vantagem desse grupo, o maior operador logístico da Ar-

gentina, é contar com a experiência das lições que as constantes crises em seu próprio país deixaram. A principal, diz o executivo, é aprender a lidar com a inflação.

"A nova geração de executivos do Brasil não viveu os tempos de inflação alta", afirma. Mas isso, na Argentina, faz parte do dia a dia e a experiência ajuda na hora de convencer o cliente sobre a necessidade de reajustar preços. (MO)